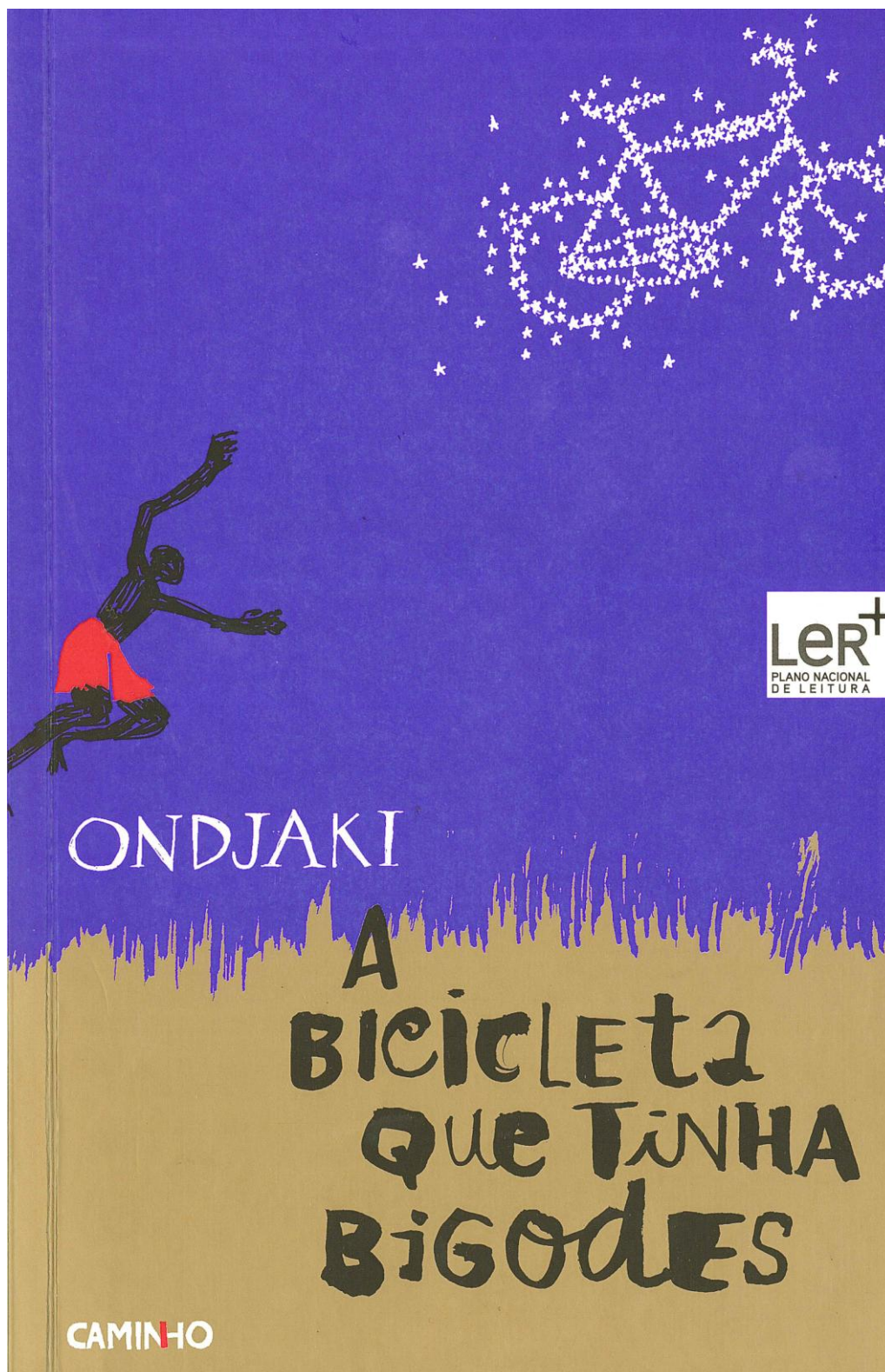


ANEXO IV



*o livro que se segue foi escrito com os conteúdos e os ritmos de uma «estória». nessa letra «e» – minúscula e tão gigante – cabem os desejos e as fantasias feitos memória quase verdadeira...*

*peço que entendam a minha personagem Isaura – ela adora dar nomes demasiado verídicos aos seus bichinhos. mas não pretendemos ofender ou molestar nenhuma sensibilidade.*

*fui eu que escrevi esta estória; mas foi a Isaura que me ensinou o caminho dos nomes que ela escolheu. não há nenhuma relação intencional entre os nomes e os bichos – amigos – da Isaura.*

– Tio Rui, posso falar dos restos de letras que a tia Alice tira do teu bigode à noite?

– Podes.

– Não vão querer vir na nossa rua roubar a caixa de letras?

– Não. Ninguém vai acreditar.

*Sobrinho*

*Claro que podes que ainda a rua já é a mesma outra de nome mudado e tudo, não se pode mais jogar futebol, nem ouvir pássaros, nem sapos, é só o engarrafamento dos jipaços, parecem estilhaços das sirenes do cimento bem armado de mãos nos bolsos dos calos dos sapatos. Podes, com palavras pode-se mesmo traduzir a voz do silêncio. Com bigodes e a fazer de guiador de uma bicicleta que desce para cima sem travões. Podes, sim senhor, falar dos restos de letras que, felizmente, andamos a semear. Katé!*

*Tio Manuel também Rui*

Na minha rua vive o tio Rui, que é escritor e inventa estórias e poemas que até chegam a outros países muito internacionais.

O CamaradaMudo, um senhor gordo que fala pouco e está sempre sentado na esquina da nossa rua, disse que essas estórias já foram transformadas em peças de teatro num país com nome comprido, parece que se diz «Julgoeslândia».

Quando ouvi a notícia na rádio, que iam dar uma bicicleta bem bonita, amarela, vermelha e preta, lembrei-me logo de falar com o tio Rui. Era um concurso nacional com primeiro prémio de uma bicicleta colorida que já apareceu na televisão, mas nesse dia na nossa rua não havia luz.

De noite, a falar com a minha almofada, eu até já prometi bem as coisas: «se eu ganhar a bicicleta

colorida, vou deixar todos da minha rua andarem sem pedir nada em troca, nem gelados nem xuínga».

Essa promessa assim bem dura de fazer é que me fazia acreditar que eu ia mesmo ganhar a bicicleta.

Mas eu não tenho jeito nenhum para essa coisa das estórias. Falei com outros miúdos, para saber quem tinha ideias, quem queria participar no concurso nacional da bicicleta colorida, mas todos me gozam a dizer que essa bicicleta já deve ter dono, que já sabem quem é que vai ganhar.

Não entendi aquilo, mas não desisti. Fui ainda falar com o CamaradaMudo.

– É verdade que essa bicicleta que estão a anunciar na rádio não é de verdade?

– Claro que é de verdade – o CamaradaMudo respondeu. – Tu tens uma boa estória?

– Eu só tenho uma boa vontade de ganhar essa bicicleta.

– Mas para ganhares tens de inventar uma estória.

– Tou masé a pensar que devíamos pedir patrocínio no tio Rui, aquele que escreve bué de poemas.

– Isso não é batota?

– Batota porquê?

A BICICLETA QUE TINHA BIGODES

- E as outras crianças?
- Quero lá saber, não tenho culpa que o tio Rui vive aqui na minha rua. Eles que descubram também o escritor da rua deles.

O tio Rui sempre estava sempre lá de  
pressa.  
- Não sei como são os bigodes do tio Rui.  
- Me conta!  
- São assim tipo caneta, que se não se quer  
deixar a última careca.  
- É depois.  
- Depois que depois tem e algumas palavras  
faz a pressão bigode. E não só o mesmo.

O tio Rui é simpático e tem sempre bué de pressa.

Às vezes nos dá dinheiro para irmos comprar gelado e, no dia 1 de junho, podemos entrar todos no quintal da casa dele para ouvir algumas estórias que ele lê diretamente dos papéis amarelos onde ele escreve. Fala com uma voz constipada e algumas palavras mesmo são difíceis de entender. Eu pensava que era só o modo de falar, mas a minha amiga Isaura é que me explicou um dia.

– Não vês como são os bigodes do tio Rui?

– São como?

– São assim tipo capim que já não se corta desde o último cacimbo.

– E depois?

– Depois que alguns sons e algumas palavras ficam presas no bigode. Então só ouvimos já o resto.



A Isaura tem sempre ideias complicadas. Fica muito tempo sentada no quintal dela a olhar as andorinhas, as lesmas e até conhece cada gafanhoto do jardim dela. Dá nomes de pessoas aos bichos mas não sabe bem a tabuada.

– Quatro vezes quatro? – perguntava o Camarada Mudo quando ainda dava explicações de matemática.

– Não sei, mas por exemplo, o gafanhoto Samora Machel gosta mais das plantas da casa do tio Rui, e só come antes das onze. Se está muito sol, vai-se esconder.

Nós ríamos daquela maluquice dela, ainda perguntávamos mais.

– Seis vezes três?

– Não sei, mas a lesma Senghor é muito estranha porque anda a fazer uma casa com pedrinhas que vai buscar no fundo do quintal e um dia destes pode ser pisada.

A Isaura, como é vizinha do tio Rui, tem boas informações.

– O tio Rui, à tarde, fica na varanda dele a escrever. Primeiro pensa, depois fala em voz alta e depois é que escreve.

– Como é que sabes que ele tá a pensar?

— És burro ou quê? — a Isaura olhou para mim espantada. — Não sabes que quando os mais velhos coçam muito tempo o bigode é porque estão a pensar?

A Isaura dá nomes de presidentes aos bichos do quintal dela, e porque são muitos bichos, ela sabe nomes de muitos presidentes. Podem ser nomes também de alguns que já morreram ou mesmo outros que não foram presidentes mas pessoas assim importantes.

O gato dela se chama Ghandi, acho que era um senhor tipo indiano ou quê. O cão se chama Amílcar-Cabral, até lhe chamamos de AmílcarCãobral. A lesma é Senghor, os gafanhotos são Samora, Mobutu e Khadafi, os sapos se chamam Raúl e Fidel. Parece que também deu nomes aos passarinhos mas nunca consegui decorar a lista toda.

Agora é que me lembrei, há um papagaio chamado JoãoPauloTerceiro, filho do falecido jacó JoãoPauloSegundo que tinha morrido na boca do próprio Ghandi. É que o Ghandi, antes não se chamava Ghandi, se chamava Tátecher! Só depois de comer os papagaios é que lhe cortaram os tímbalos e ficou mais calmo a miar devagarinho e a não arranhar ninguém. Mas eu não posso dizer «tímbalos»,

nem mesmo «timbalóides», porque a minha Avó-Dezanove não gosta que eu diga disparates.

Depois do jantar, a luz foi.

Estavam já algumas crianças na rua e a Isaura veio também. Era sempre assim, quando a luz faltava, as pessoas se juntavam nesse muro perto da casa do tio Rui. Às vezes mesmo o tio Rui também vinha cá fora ouvir a nossa conversa e ficar a rir, depois anotava as coisas que as crianças diziam nessas folhas de papel amarelo.

Mas o tio Rui não veio. Só o CamaradaMudo chegou perto.

– Camarada Mudo – a Isaura começou –, assim foi avaria só de quinze minutos ou é coisa séria?

– Pelo modo como a luz foi, assim sem tremer nem nada, acho que foi mesmo corte intencional.

– «Corte intencional» é como então? – eu perguntei.

– É quando a Edel corta a luz porque quer.

– Mas a Edel existe para dar ou para cortar a luz?

Mais à frente, perto da casa do GeneralDorminhoco, ouvimos uma travagem brusca do jipe dele. Quem conduz o jipe do GeneralDorminhoco é um motorista que nunca soubemos o verdadeiro nome dele. Lhe chamamos só de Nove, já lhe encontramos com esse nome, dizem que ele já atropelou mortalmente nove pessoas, sempre de noite. A Isaura foi a correr a ver o que tinha acontecido, porque não ouvimos gritos, então se não foi pessoa só podia ser mesmo bicho. E ela tinha razão.

Quando eu, o CamaradaMudo e o JorgeTem-Calma chegámos, a Isaura estava a chorar e a pedir ao Nove para fazer marcha-trás.

– Mataste o meu sapo – ela chorava.

– Há maka? – perguntou o CamaradaMudo.

– Eu só travei porque os miúdos gritaram, mas não vi nada – se desculpou o Nove.

Mas a Isaura sabia. Eu também. Aquela era a hora de os sapos atravessarem a rua e irem beber água numa lagoazinha de água parada, que também tinha capins castanhos e às vezes também dava flores bonitas, sempre no mês de novembro. Mesmo a Isaura

uma vez me disse que naquela lagoa ela já tinha visto gambozinos coloridos a imitarem um arco-íris.

– Tu viste mesmo esses gambozinos?

– Vi sim. Tinham as cores do arco-íris, e outras cores que vocês nunca viram.

– E não apanhaste um só pra nós vermos também?

– A minha Avó disse que não se pode apanhar um gambozino.

O mótora Nove deu marcha-atrás com o jipe do General Dorminhoco. Estava no chão uma mancha escura de alguma coisa que devia ter sido um sapo.

– Mataste o Raúl – a Isaura chorava encostada ao Camarada Mudo.

– Mataste o Raúl? – o Camarada Mudo perguntou ao Nove.

– Afinal mataste o Raúl? – o Jorge Tem Calma perguntou também.

– Matei o Raúl? Mas qual Raúl?

– O irmão do Fidel – respondi para ele se assustar.

O Nove ficou muito atrapalhado. Não sabia o que dizer e muita gente já começava a se acumular

ali na rua. Alguém foi chamar o General Dorminhoco. Uma luz de petromax se acendeu no primeiro andar da casa do tio Rui. Era a tia Alice. Veio à janela.

– O que se passa aí?

– Atropelaram o sapo Raúl.

– Atropelaram só, ou atropelaram mesmo?

– Atropelaram mesmo.

O General Dorminhoco veio muito irritado, pois ainda estava a jantar. A mulher dele veio também, ainda com o avental vestido e os antigos chinélos de plástico.

– Volta para casa – o General falou. – Não te quero na rua de avental.

O General Dorminhoco foi falar com o Nove. Depois riu. Veio saber quem era a Isaura, dona do sapo.

– Sou eu – a Isaura falou com um bocado de medo.

– Então tu dizes que o Nove atropelou um sapo?

– Sim, camarada general.

– E tu conhecias esse sapo?

– Esse sapo era meu.

– Era «teu»?

– Sim, vivia no meu quintal há muito tempo.



O General Dorminhoco riu, parecia que estava a gozar connosco. Depois acendeu uma lanterna e focou na mancha escura no chão.

– E como é que sabes que isto aqui era um sapo? Pode ser uma fruta podre, ou outro bicho qualquer.

– Mas eu sei que é o Raúl.

– Não sabes nada. E acabou a conversa porque a rua está muito escura e vocês nem deviam estar aqui a brincar. Já para casa todo o mundo.

Só que apareceu o tio Rui de chinelos e calções. Vinha a fumar um cigarro escuro tipo charuto que cheirava bué a tabaco dos cubanos.

– Parece que houve um caso de atropelamento na via pública.

– Na via escura, camarada Rui – o General Dorminhoco falou.

– Escura e de circulação pública. Este jipe é seu, General?

– Sim, mas quem vinha a conduzir era este desgraçado do Nove.

– Nove? Nome interessante – o tio Rui se abaixou para ver melhor. – Parece que vamos ter aqui uma mudança de nome.

– Camarada Rui, essa mancha pode ser qualquer coisa.

– Mas qualquer coisa também é coisa, camarada! Portanto, do ponto de vista da lei, temos que ver que coisa era. Se era coisa animada ou desanimada.

– Eu é que estou a ficar desanimado – o General falou.

A Isaura começou a chorar e a querer ir embora.

– O que foi, Isaura, diz lá ao tio Rui.

– O Nove atropelou o sapo Raúl.

– Era o sapo Raúl?

– Sim, tio. Tenho a certeza, ele sempre vai beber água a esta hora.

– Então – o tio Rui falou para o General – temos o corpo identificado. E até temos presente o familiar mais próximo. Neste caso, um parente por aproximação afetiva.

– E então? – o General já tava a ficar irritado.

– Então há um crime rodoviário do foro da fauna doméstica.

– O quê!?

– O motorista Nove atropelou um sapo que já habitava no quintal desta criança há um tempo considerável. Se você é o proprietário da viatura, então

você é o responsável indireto. Mas podemos resolver isto amigavelmente.

– Vamos lá despachar esta brincadeira.

– Isto não é uma brincadeira, camarada General. Estamos num país onde os direitos das crianças são respeitados. E por adjacência os direitos sapais.

– Sim, sei – o General Dorminhoco estava mesmo irritado.

– Ainda bem que sabe – o tio Rui fazia festinhas à Isaura, e piscou-me o olho.

O motorista Nove começou a choramingar. Pediu desculpa à Isaura e explicou que nem tinha visto nada porque o carro só tinha a luz dos mínimos, não dava para ver bem com toda aquela escuridão.

– Eu compreendo – a Isaura falou. – Até desculpo o camarada Nove, mas temos que enterrar o sapo Raúl perto da lagoa.

O General não gostou nada daquela conversa, mas autorizou o motorista Nove a estar presente no funeral que ia acontecer meia hora depois, assim que a Isaura conseguisse encontrar o sapo Fidel para estar presente.

Como o General queria ir para casa, concordou em dar comida ao sapo Fidel por um período de

dois meses, segundo tinha pedido o próprio tio Rui que, além de escritor, também era advogado e todo mundo tinha receio de ele levar as coisas para um tribunal.

– Só uma coisa, camarada General.

– O que foi, camarada Rui?

– O camarada motorista deve sofrer uma atualização.

– Como assim? Uma multa?

– Não. Uma atualização nominal. O camarada motorista passa a ser chamado de Dez.

– Isso é que não – o General Dorminhoco ficou furioso. – Sapos não contam! Só pessoas ou cães vacinados.

– Você está a dizer que um sapo chamado Raúl, irmão de um sapo chamado Fidel, não conta para mudar o nome do seu motorista?

Nós, as crianças, rimos baixinho.

O General Dorminhoco foi obrigado a concordar e o motorista passou a chamar-se Dez. Demorou mais de uma hora para encontrar o sapo Fidel e estávamos quase a desistir de fazer o enterro naquela noite, mas ele foi encontrado ali perto da despensa onde estava a jantar. A Isaura ficou muito triste.

– Sabes, Isaura, é preciso ver as coisas boas da vida.

– A morte do meu sapo pode ser uma coisa boa, tio Rui?

– Pode. O sapo Raúl já era muito adoentado e assim escusa de estar a sofrer. E o sapo Fidel ficou com comida garantida por dois meses.

O tio Rui tinha essa maneira de nos querer fazer ficar alegres com qualquer coisa. Depois fez festinhas na cabeça da Isaura e os olhos dela ficaram menos tristes.

– Eu quando crescer também quero ser advogado e escritor. Assim nenhum general vai querer me enganar – alguém falou.

A tia Alice veio chamar o tio Rui porque tinha uma chamada para ele no telefone. Ficámos ali a conversar um bocado, ao pé da lagoa. O Jorge Tem Calma disse que ia buscar umas coisas e saiu a correr.

– Não te importas que eu não fique para o enterro, Isaura?

– Obrigada, tio Rui. Nestes enterros só podem mesmo ficar as crianças.

– Porquê? Que lei é essa? – reclamou o Camarada Mudo.

Afastaram-se. A tia Alice a sorrir devagarinho para a Isaura, o CamaradaMudo a reclamar que em Angola não havia nenhuma lei que proíba adultos de assistirem a funerais de animais, sobretudo um funeral público, com falta de luz e numa lagoa toda suja que era frequentada por dois pirilampos velhos.

– Isaura, podias deixar o CamaradaMudo assistir ao enterro.

– Não posso mesmo. Li num livro. Enterro de bichos é coisa de crianças. Os adultos não entendem e depois só querem nos gozar.

– Mas há adultos – eu falei – que nunca cresceram nesse lado dos enterros dos bichos. Eu acho que devias deixar, Isaura. Se calhar o CamaradaMudo está mesmo triste.

Fui chamar de novo o CamaradaMudo e também o JorgeTemCalma, esse miúdo muito irrequeto, sempre a correr sem conseguir ficar parado. Todos da rua sempre diziam «ó Jorge, tem calma!», frase que aprendemos com a mãe dele desde que ele era pequenino.

Então vieram outras pessoas da rua, e a Isaura não reclamou, porque todos vinham com cara de respeito e até algumas migalhas de pão duro para

oferecer ao sapo Fidel num jeito de amizade no comba improvisado.

A noite na nossa rua ficou bonita. Como não havia luz, alguns trouxeram pequenas lanternas de luz fraquinha, outros umas velas bem cambutas, um petromax também de se poupar e até dois candeeiros daqueles com garrafa de vidro e depósito para o azeite.

A lagoa ficou toda cercada de iluminação com direito a choro da Isaura e alguns que choravam só para acompanhar as lágrimas da Isaura, e que nunca nem tinham conhecido o sapo Raúl.

Os morcegos fizeram voo rasante que parecia espetáculo de aviação com mig's de verdade, um vizinho baixou a música em sinal de respeito e o mais bonito foi os dois velhos pirilampos a pararem de piscar a luz deles quando a Isaura começou a falar.

Todos olharam para trás espantados quando ouviram o barulho dos chinelos da minha Avó. A minha AvóDezanove chegou devagarinho e segurou a mão da Isaura. Foi a AvóDezanove que disse:

– Vais dizer umas palavras, Isaura?

– Só se for um poema.

– Pode ser. Acho que os sapos também gostam de poesia.

As pessoas apagaram as lanternas e as velas. Só ficaram acesas duas lamparinas de azeite com o estranho cheiro que elas deitam. A rua estava muito escura num silêncio de dez da noite.

O motorista Nove que agora era Dez começou a deitar lágrimas. Olhei para trás: na casa dele, eu vi a luz do cigarro. O tio Rui tinha ficado ali no escuro da janela dele a ver o enterro do sapo Raúl.

A Isaura falou:

– Obrigada a todos pela presença de estarem aqui... Não sei muito bem o que falar.

O Jorge Tem Calma não conseguia estar quieto. Nem calado.

– Mas ela não disse que ia falar um poema?

– Fica mas é calado – eu ralhei.

A Avó Dezanove fazia festinhas nos ombros da Isaura, acho que para lhe encorajar a falar, ou mesmo só para lhe fazer sentir bem.

A Isaura continuou:

– Mesmo o poema que eu ia falar, também já esqueci antes de começar...

Todos rimos um bocadinho.

– Queria agradecer as palavras do tio Rui que não está aqui, e as migalhas que todos trouxeram para



deixar aqui no lago. Se calhar os sapos gostam de migalhas como os mortos de verdade gostam que lhes deitem bebida no chão, não sei. Avó – falou para a AvóDezanove. – Os sapos têm alma?

A AvóDezanove sorriu e esperou. A Isaura olhou para ela esperando uma resposta que nunca veio.

– Também queria agradecer o camarada motorista Nove, quer dizer, Dez, por ter aceitado assim mudar de nome na conta da morte do sapo. E pronto, também isto não é nenhum jogo de futebol – a Isaura sorriu –, não precisa demorar 90 minutos. Obrigada a todos.

Escapámos quase bater palmas, mas não se podia. Cada um foi para a sua casa. Ficaram os miúdos. Os miúdos são sempre os últimos a querer ir embora.

– Isaura, se tu quiseres – falou o JorgeTem-Calma –, um primo meu, de Benguela, mora perto de um rio. Lá tem bué de sapos e são bem grandes. Posso pedir ao meu pai para trazer um de lá. Só não sei se sapo de rio sabe viver aqui na nossa cidade de Luanda...

– Jorge, tem calma e não fales à toa.

– Não fales tu à toa – a Isaura disse. – Obrigado, Jorge, mas acho que não. Aqui em Luanda estão a atropelar muito, é melhor cada sapo ficar na sua província.

O Jorge Tem Calma disse que tinha que ir embora porque senão iam lhe ralhar. Olhei de novo para os capins da lagoa: os pirilampos tinham começado a piscar de novo.

– Adoro pirilampos – a Isaura falou.

– Adoro estrelas quando o céu tá todo escuro – eu falei.

– É a mesma coisa.

– Isaura – comecei.

– Diz.

– Desculpa só meter o assunto assim de repente em cima do enterro...

– Podes falar.

– Queria te perguntar se não queres me ajudar a ganhar a tal bicicleta do concurso. Se nós ganhássemos a bicicleta até podia ficar dos dois.

A Isaura sentou no chão.

– Esse concurso da Rádio Nacional?

– Sim, esse mesmo. Inventamos uma estória juntos e ganhamos a bicicleta. Fica dos dois.

- Isso não ia dar problemas?
- Não. A bicicleta fica contigo segunda, quarta e sexta. Depois trocamos, terça, quinta e sábado fica comigo.
- E domingo?
- Domingo fica também comigo.
- Porquê?
- Porque eu sou rapaz.
- E então?
- Nós gostamos mais de bicicletas que vocês.
- Não é verdade, desculpa lá. Eu também gosto de bicicletas.
- Então domingo emprestamos a bicicleta ao tio Rui.
- Boa ideia, ele também gosta de andar de bicicleta.
- Sentei-me também no chão ao pé dela. Os pirilampos acendiam e piscavam muito.
- Estes pirilampos aumentaram a potência ou quê?
- A Isaura riu.
- Não, acho que tá a ficar mais escuro. Temos de ir para casa.
- Então e a estória?

A BICICLETA QUE TINHA BIGODES

– Eu não tenho nenhuma boa ideia.

– Mas eu tenho.

– Para a estória? Então podes escrever e ganhar.

– Não, eu tenho uma ideia para conseguirmos uma boa estória.

– Não entendi.

– A caixa do tio Rui – falei baixinho.

– Chiuuu!, já te disse que isso é um segredo, não podes falar a ninguém nisso. Tu tinhas prometido.

– Só estou a falar contigo!

– Nem comigo. Um segredo é uma coisa de pensar, não se diz.

A Isaura levantou-se e foi a correr para a casa dela.